HOMILIA 11.09.2025
por Monsenhor Melchor Sánchez
Congresso Internacional da Campanha da Mãe Peregrina de Schoenstatt
Santa Maria, RS, Brasil

Excelência Reverendíssima,
Queridos Irmãos e Irmãs,
Amigos todos,

1. O 11 de setembro ficou gravado em nossa memória ligado aos atentados de 11 de setembro de 2001, em Nova York, quando membros de um grupo terrorista sequestraram vários aviões e os lançaram contra as torres gêmeas, provocando uma tragédia de proporções incalculáveis. Segundo muitos especialistas, aqueles acontecimentos marcaram o fim de uma breve etapa de distensão após a Guerra Fria e abriram uma nova fase marcada pela violência do terrorismo e pelas guerras que se seguiram. Hoje recordamos todas essas vítimas inocentes — bombeiros, policiais, médicos — e até mesmo os próprios terroristas, cujas almas foram envenenadas pelo ódio de quem os conduziu a tal ação criminosa.

Hoje, no entanto, nós recordamos uma explosão de caráter muito diferente, um estalo de natureza espiritual, que teve lugar no Cenáculo de Jerusalém, no dia da festa de Pentecostes, cinquenta dias após a ressurreição de Jesus. Também ali houve um vento forte, um estrondo e línguas de fogo que pousaram sobre os presentes. Mas não foi uma explosão de morte, e sim de vida. O livro dos Atos assim descreve o que aconteceu:

“De repente, veio do céu um ruído como de um vento forte, que encheu toda a casa onde eles se encontravam. Então apareceram línguas como de fogo, que se repartiram e pousaram sobre cada um deles” (At 2,2-3).

Essa explosão ocorreu numa casa de Jerusalém, na sala de cima onde costumavam permanecer (At 1,13). A sala e a casa foram sacudidas em seus alicerces, como o Monte Sinai quando o Senhor se manifestou para selar a aliança com o povo e entregar a Torá. Mas a explosão não afetou apenas a casa, e sim também os presentes, em sua intimidade mais profunda:

“Todos ficaram cheios do Espírito Santo e começaram a falar em outras línguas, conforme o Espírito lhes concedia expressar-se.”

2. Quem eram essas pessoas que foram sacudidas e cheias do Espírito Santo? Eram Pedro e João, Tiago e André, Filipe e Tomé, Bartolomeu e Mateus, Tiago, filho de Alfeu, Simão Zelota e Judas, filho de Tiago. Todos perseveravam na oração em comum, junto com algumas mulheres, entre elas, Maria, mãe de Jesus, e com os irmãos dele.

Eles são a Igreja. Os doze apóstolos (já com Matias) são os patriarcas do novo Israel, que se prepara para receber o dom da lei — não escrita em tábuas de pedra, mas inscrita com o dedo de Deus, o Espírito Santo, em seus corações, como havia anunciado o profeta. Esses doze apóstolos são os doze fundamentos da Nova Jerusalém, como afirma o Apocalipse. E nós, acrescenta São Paulo, fomos edificados sobre o fundamento dos apóstolos. Somente se estivermos em comunhão com os apóstolos e seus sucessores, somos Igreja e podemos receber o Espírito Santo.

3. Junto aos apóstolos, havia também algumas mulheres, as mesmas que acompanharam Jesus em sua vida pública e permaneceram fiéis até o fim, junto à cruz, sendo testemunhas da ressurreição.

Entre elas estavam Maria Madalena, Joana, Susana e outras. Mas uma se destaca de modo singular: Maria, mãe de Jesus.

Maria já estava cheia do Espírito Santo desde o momento da Anunciação, como havia dito o Anjo Gabriel: “O Espírito Santo descera sobre ti, e o poder do Altíssimo te cobrirá com a sua sombra.”

Ela deixou-se encher pelo Espírito Santo quando o Verbo entrou no mundo. E agora, quando a Igreja, Corpo de Cristo, inicia sua vida, ela também está presente. Aquela que está cheia do Espírito Santo o leva consigo aonde vai: a Isabel e sua casa, na visitação, e agora, à Igreja nascente. Maria é, como escreveu belamente um teólogo, a Igreja em sua origem, em sua fonte (Kirche im Ursprung).

4. Maria ocupa um lugar de honra entre os discípulos, mas não apenas por ser a Mãe do Verbo, por ter dado à luz o Salvador, o que já é, sem dúvida, uma grande dignidade. Como recorda Santo Agostinho, Maria concebeu Jesus primeiro pela fé e depois na carne: “maior é o que está na mente do que o que é carregado no ventre”, sendo mais importante ter concebido pela fé do que ter dado à luz na carne.

É isso o que Jesus quis dizer quando sua mãe, acompanhada por familiares — primos ou parentes que o Evangelho chama de “irmãos” —, veio procurá-lo: *“Alguém lhe comunicou: ‘Tua mãe e teus irmãos estão lá fora e querem te ver.’ Ele respondeu: ‘Minha mãe e meus irmãos são estes aqui, que ouvem a Palavra de Deus e a põem em prática.’”*

Jesus reafirma assim a grandeza de sua Mãe: ela é sua Mãe porque escutou a Palavra de Deus e a colocou em prática. E Santo Agostinho comenta: *“Sem dúvida, fez Maria a vontade do Pai; por isso, mais foi para Maria ser discípula de Cristo do que ter sido mãe de Cristo.”*

O mesmo Jesus disse a uma mulher do povo, que, admirada com ele, certamente de bela aparência, exclamou em elogio à Mãe: *“Feliz o ventre que te trouxe e os seios que te amamentaram.”*

E ele respondeu: *“Felizes, sobretudo, os que ouvem a Palavra de Deus e a põem em prática.”*

5. Nestes dias estivemos recordando a figura do Venerável João Luiz Pozzobon. Ficamos admirados com suas obras, que expressas em números são realmente extraordinárias: casas, viagens e quilômetros percorridos.

Mas Pozzobon é grande não por ter feito muitas coisas, e sim porque escutou a Palavra de Deus e a colocou em prática, tornando-se mãe e irmão de Jesus. Ele acolheu a Palavra, concebeu-a e a fez carne em sua vida, dando-a à luz de modo generoso e incansável.

Maria chama a si mesma de “a humilde serva do Senhor”. Pozzobon, com humildade, se considerava o burrinho da Mãe Peregrina. Façamo-nos também nós burrinhos da Mãe, para levar a graça e a luz de Maria a todos.